



Terry Eagleton e o caráter não-essencialista da literatura

Fernando Aparecido Poiana¹

EAGLETON, Terry. **The Event of Literature**. New Haven and London: Yale University Press, 2012.

Em *The Event of Literature* (2012), Terry Eagleton (1943) combina sua longa experiência como crítico literário e a filosofia analítica de Ludwig Wittgenstein para discutir uma questão fundamental para a teoria literária: afinal, o que é “literatura”? De fato, ao tratar desse tema, Eagleton dá continuidade a um debate que ele já havia iniciado em outros de seus livros, como *Marxism and Literary Criticism* (1976) e *Literary Theory: An Introduction* (1983). Esse questionamento sobre a possível natureza do texto literário que está no centro da argumentação de Eagleton nesse livro suscita, contudo, uma série de desdobramentos teóricos que resultam em questões igualmente difíceis de responder definitivamente: há uma essência para a literatura? É possível chegarmos a uma definição suficientemente satisfatória sobre o que ela é? Teria a ficção uma natureza própria? E qual seria ela? O que as diferentes teorias literárias têm em comum? De que modo elas podem esclarecer os possíveis significados dos textos que frequentemente chamamos de literários?

Logo no prefácio, Eagleton explica que *The Event of Literature* busca tratar dessas questões que, segundo ele, foram deixadas “em suspenso” (2012, p. xii) pela mudança de foco do debate sobre a teoria literária para a discussão sobre etnicidade, sexualidade, pós-colonialismo e estudos culturais nas pesquisas de literatura nas últimas décadas. Eagleton argumenta, com a espirituosidade característica de sua prosa de estilo cristalino, que “teria sido difícil prever nos anos 1970 e 1980 que semiótica, pós-estruturalismo, Marxismo, psicanálise e coisas similares se tornariam, na maioria dos casos, línguas estrangeiras para os estudantes trinta anos mais tarde” (2012, p. ix, *tradução própria*). Nessas notas preliminares, fica claro que o problema central para Eagleton não é o de que tenha havido uma mudança de foco das discussões teóricas para uma atenção maior

¹ Doutorando em Teoria e Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), São José do Rio Preto, SP, Brasil. É bolsista CAPES.

ao tratamento de questões que poderíamos chamar, de modo geral, culturais. De fato, ele apenas aponta para a mudança *per se*, e nunca se lança a discutir o seu mérito ou validade. O principal problema para Eagleton tem mais relação com uma espécie de afrouxamento do discurso epistemológico no campo dos estudos literários do que com os objetos de estudo ou os temas propriamente ditos. Nesse sentido, Eagleton retoma, ainda que indiretamente, muito do seu argumento em outro livro, *After Theory*, de 2004. Ou seja, não são os objetos ou os temas que constituem o problema central apontado por Eagleton em *The Event of Literature*, mas antes o modo como o discurso crítico tem sido construído epistemologicamente.

Sendo assim, a questão que parece preocupar Eagleton de modo mais intenso em *The Event of Literature* é a de que noções teóricas centrais para a própria definição do campo de estudo da literatura enquanto ciência humana, seus objetos e métodos de leitura específicos, têm sido deixadas em segundo plano, ou tem até mesmo sido completamente abolidas do debate na área da teoria e da crítica literária. De certo modo, e Eagleton aponta para isso, é como se pesquisadores estivessem gradualmente se desobrigando de discutir teoricamente a natureza dos seus objetos de estudo, o que gera impasses incontornáveis. Isso cria, segundo Eagleton, uma estranha situação na qual “professores e estudantes de literatura habitualmente usam palavras como literatura, ficção, poesia, narrativa, e assim por diante sem realmente estarem equipados para embarcar numa discussão sobre os seus significados” (2012, p. xi-xii, *tradução própria*). Longe de ser meramente nostálgico, o argumento central apresentado por ele afirma que o estudo da literatura e dos aspectos culturais que inevitavelmente a cercam não pode prescindir do discurso epistemológico que lhe serve de fundamentação teórica. Nesse sentido, *The Event of Literature* é, acima de tudo, uma reafirmação da importância da discussão teórica nos estudos literários. Além disso, Eagleton também defende no livro a importância de um método de leitura solidamente embasado em pressupostos teórico-epistemológicos que, ao mesmo tempo, sempre esteja disposto a problematizá-los e apontar seus próprios limites críticos.

O modo como Eagleton organiza seu livro é bastante revelador sobre a sua natureza essencialmente teórica e sobre o alcance da argumentação que acaba desenvolvendo. O primeiro capítulo se concentra basicamente numa discussão quase escolástica sobre a existência ou não de uma natureza geral das coisas. Embora num primeiro momento esse pareça ser um capítulo deslocado, logo percebemos que o caráter predominantemente especulativo da discussão nele proposta tem consequências diretas para a argumentação desenvolvida no restante do livro. A mais óbvia delas é que a partir

da problematização sobre a natureza geral das coisas, ou da sua essência, é que Eagleton prepara a discussão que ele realiza nos capítulos seguintes. Ou seja, é a partir desse raciocínio especulativo e, portanto, puramente teórico, que Eagleton vai discutir se, de fato, podemos falar em “literatura” num sentido essencialista para o termo. Toda a argumentação desse capítulo gira em torno da oposição entre essencialismo e nominalismo, e Eagleton acaba defendendo que o argumento essencialista, quando mobilizado para definir o que é literário ou literatura, sempre corre o risco implícito de conduzir a visões generalizadas sobre essas noções. O maior risco de todos, para Eagleton, está no fato de que essa generalização essencialista pode acabar produzindo axiomas que rejeitem obras literárias como sendo não literárias, e *vice-versa*.

O segundo e o terceiro capítulos tratam diretamente da noção de literatura. Ambos os capítulos retomam pontos centrais da argumentação que Eagleton desenvolve em *Literary Theory: An Introduction* (1983), e sob muitos aspectos reforçam o que ele defende naquele livro. O argumento central de Eagleton nesses dois capítulos é que a literatura é uma atividade não-essencialista. Ou seja, para ele, nós classificamos ou qualificamos o que é literário com base em características do texto e também naquilo que culturalmente aceitamos como literário. Para Eagleton, portanto, a mera presença de um conjunto de características ou inovações linguísticas num determinado texto não é suficiente para fazer com que ele seja “literário” no sentido corrente do termo. Dito de outro modo, ainda que tais características linguísticas ou formais possam ser encontradas num texto literário, elas sozinhas não tornam o texto em que figuram “literário”, no sentido social, cultural e positivamente valorativo que atribuímos à palavra.

A partir dessa constatação, Eagleton defende a ideia de que conceitos como “literário” e “literatura” emergem de um conjunto de práticas sociais e não puramente do trabalho formal com a linguagem. Se tomado isoladamente, o argumento de Eagleton nesse ponto corre o sério risco de cair na esparrela do reducionismo teórico, deixando para as práticas sociais toda a tarefa e a responsabilidade de definir o que é “literatura” e retirando do autor toda e qualquer responsabilidade pelo trabalho criativo com a linguagem. Contudo, quando posto em perspectiva, seu argumento consegue revelar que a definição acerca do que é “literário” e sobre o que é “literatura” sempre depende de um equilíbrio de forças delicado entre a materialidade do texto e o contexto sócio-histórico-cultural no qual ele se insere. Se entendido desse modo, portanto, o argumento de Eagleton aponta para a necessidade do crítico e estudioso de literatura de olhar para a obra literária sempre em conexão direta com a época em que foi produzida e com a qual ela dialoga.

O quarto capítulo de *The Event of Literature* trata especificamente da natureza da ficção. Nele, Eagleton trata de separar cuidadosamente as noções de ficção e de literatura, mostrando que uma não depende necessariamente da outra. Como ele argumenta, “a literatura não está conscrita à ficção, e a ficção não está conscrita à literatura” (EAGLETON, 2012, p. 108, *tradução própria*). Essa é uma distinção importante para toda a sua argumentação anterior e subsequente, pois reforça, mais uma vez, o tratamento não-essencialista que ele confere à literatura. Eagleton separa “literatura” de “ficção” porque, para ele, “a ficção é uma categoria ontológica, e não um gênero literário em primeiro lugar” (EAGLETON, 2012, p. 111, *tradução própria*), e explica que apenas no século XIX é que “ficção” e “romance” se tornaram mais ou menos sinônimos. Confusão que, segundo ele, muitos críticos ainda perpetuam. Para Eagleton, “a ficção é uma questão de como os textos se comportam, e de como nós os tratamos” (2012, p. 111, *tradução própria*). Novamente, ele reforça aqui o seu argumento não-essencialista e expõe os componentes não imanentistas que ajudam a definir o que é literário e o que é literatura dentro do nosso contexto histórico, político, social e ideológico. De fato, o grande mérito da reflexão que Eagleton propõe está, justamente, na abrangência de elementos textuais e não textuais que ela tenta abarcar.

No último capítulo, Eagleton volta seus interesses para aquilo que as diferentes teorias literárias possuem em comum. Além da resposta óbvia de que todas elas são teorias, ou seja, construções epistemológicas e abstratas, Eagleton mostra que todas elas apresentam “ao menos um traço (negativo) em comum: uma oposição compartilhada à crítica empirista ou impressionista” (2012, p. 167, *tradução própria*). Apesar disso, ele explica que as distinções e aproximações entre as diferentes teorias literárias não são tão simples assim. Por isso mesmo é que ele mobiliza o conceito de estratégias (*strategies*), que dá título ao capítulo, para discutir tais paralelos e diferenças. De fato, Eagleton pode discutir os limites que separam e aproximam as diferentes teorias literárias sem incorrer em grandes contradições a partir do conceito de estratégia porque essa noção trata não só do modo como “certos conflitos podem ser resolvidos, mas [também] do modo como eles podem ser frutiferamente deixados sem resolução, ou como eles são tratados como um todo” (EAGLETON, 2012, p. 224, *tradução própria*). O conceito de estratégia permite a Eagleton encontrar paralelos e pontos de divergência entre as diferentes teorias literárias, nesse capítulo, porque ele refuta “uma visão muito unificada do trabalho artístico” (EAGLETON, 2012, p. 224, *tradução própria*). Ao mesmo tempo, a ideia de estratégias lhe permite se esquivar retoricamente da obrigação de oferecer uma definição categórica do objeto sobre o qual se debruça. Assim como nos capítulos anteriores, o que Eagleton faz

é defender o caráter não-essencialista do conceito de literatura ao problematizar as diferentes teorizações sobre o assunto, ao mesmo tempo em que ele afirma o caráter arredo do fenômeno que se propõe a discutir.

Em conclusão, a originalidade da argumentação de Eagleton em *The Event of Literature* está na contraposição dialética que ele faz entre a teoria literária e a filosofia da literatura. Como Eagleton explica, muito do seu argumento “com a exceção do último capítulo, não se utiliza da teoria literária, mas (...) da filosofia da literatura” (2012, p. x, *tradução própria*). A aproximação desses dois campos, radicalmente distintos em termos epistemológicos e até ideológicos, apesar de seu objeto comum, faz com que Eagleton possa testar os limites tanto de uma quanto de outra área. A partir dessa problematização, Eagleton mostra que alguns dos maiores desafios subjacentes à definição da natureza e do alcance do texto literário ainda estão por serem resolvidos. Mais do que apresentar uma solução mais ou menos definitiva para os impasses que discute, *The Event of Literature* deixa em aberto, justamente por causa da natureza não-essencialista de sua argumentação e de muitas das principais questões que ele levanta. Nesse sentido, a maior contribuição desse livro está no fato de que ele aproxima teoria e filosofia da literatura dialeticamente e convida ao debate teórico franco. Com isso, *The Event of Literature* reforça a importância da reafirmação constante do discurso epistemológico que fundamenta os estudos literários enquanto ciência da análise e interpretação textual. Ao fazê-lo, Eagleton também aponta para os principais limites analíticos e interpretativos que precisam ser transpostos nos estudos literários, sempre reafirmando a importância do método e do rigor crítico no tratamento do objeto, bem como das teorias que devem enformar o trabalho do crítico.